

---

# “O TAPETE VOADOR”, DE CRISTIANE SOBRAL: O MÉRITO OU AS RAÍZES?

“O TAPETE VOADOR”, BY CRISTIANE SOBRAL:  
MERIT OR ROOTS?


---




## Dossiê

Ressonâncias de escrituras:  
literatura, antirracismo e educação  
literária

## Organizadoras:

 Dra. Adriana de F. A. L. Barbosa

 Dra. Milena Britto de Queiroz

 Dra. Ana Flávia Magalhães Pinto

v. 30, n. 57, dez. 2021  
Brasília, DF  
ISSN 1982-9701



10.26512/cerrados.v30i57.38237

## Fluxo da Submissão

Submetido em: 30/05/2021

Aprovado em: 14/12/2021

## Distribuído sob



**Cleide Silva de Oliveira**

[cleidedeoliveira@gmail.com](mailto:cleidedeoliveira@gmail.com)

Doutoranda em Literatura pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Integrante do grupo de pesquisa Teseu: o labirinto e seu nome. Professora associada à Secretaria de Educação do Piauí.



**Alcione Correa Alves**

[alcione@ufpi.edu.br](mailto:alcione@ufpi.edu.br)

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). Professor adjunto IV na Universidade Federal do Piauí.

## Resumo/Abstract Palavras-chave/Keywords

Este artigo propõe a investigação das construções identitárias de protagonistas sobralianas a partir da análise de categorias tais como a interseccionalidade. Neste sentido, entende-se Cristiane Sobral enquanto produtora de conhecimento a partir de escrituras uma vez que suas personagens apresentam um contexto social marcado pelas opressões e também pela resistência. O objetivo deste artigo é discutir o processo de construções identitárias femininas negras no conto “O tapete voador”, de Cristiane Sobral. Considera-se para este fim as noções estabelecidas pelo feminismo negro: Ribeiro (2017), Collins (2015), Greenshaw (2002), Carneiro (2011), Evaristo (2005; 2009), Gonzalez (1979). Ademais, verifica-se os epistemas fundamentados por Serafina Machado em dupla dimensão: ensaio (2012) e ficção (2008). No que se refere aos resultados, destaca-se o empoderamento social da protagonista e a resistência demonstrada diante do racismo presente em âmbito profissional.

Literatura negra; Cristiane Sobral: conto; “O tapete voador”; Lugar; Identidade.

This article proposes the investigation of the identity constructions of sobralianas\* protagonists from the analysis of categories such as intersectionality. In this sense, Cristiane Sobral is understood as a knowledge producer based on escrituras\*\* since her characters present a social context marked by oppression and also by resistance. The purpose of this article is to discuss the process of constructing black female identities in the short story “The flying carpet”, by Cristiane Sobral. For this purpose, the notions established by black feminism are considered: Ribeiro (2017), Collins (2015), Greenshaw (2002), Carneiro (2011), Evaristo (2005; 2009), Gonzalez (1979). In addition, it is possible to verify the epistemologies grounded by Serafina Machado in two dimensions: essay (2012) and fiction (2008). With regard to the results, the protagonist's social empowerment and the resistance shown in the face of racism present at the professional level stand out.

Black literature; Cristiane Sobral: short story; "O tapete voador"; Place; Identity.

---

\* Noun adjective used to refer to Cristiane Sobral's work

\*\* Neologism coined from the Portuguese words ‘escrever’ (to write) and ‘vivência’ (personal experience acquired during one's life), implying to write according to one's personal life, that is, from one's social, racial, and gender perspective.

## Introdução

### Nuegreza

Dispo-me  
 Sem pudor ao mostrar as vergonhas ocultas  
 Dispo-me  
 Ao falar da minha gente escura  
 Dispo-me  
 a desafiar a beleza  
 dos fios retos em contraste com o meu cabelo pixaim  
 Dispo-me  
 porque rejeito esta pele  
 selvagem, exótica, animal  
 que em mim mumificaram  
 e, ao despir-me  
 mostro uma alma que se enaltece  
 em ser feminina  
 NEGRA.

*Serafina Machado*  
*Cadernos Negros (2008)*

O texto transcrito como epígrafe conduz a uma leitura que considere mulheres negras enquanto sujeitas de conhecimento. Segundo Patrícia Hill Collins, “conhecimento sem sabedoria é suficiente para os poderosos, mas sabedoria é essencial para a sobrevivência dos subordinados” (2019, 411). Desse modo, propomos compreender a ficcionalidade negra como produção e discussão coletiva de conhecimento a fim de explicitar a sabedoria expressa por essas sujeitas diante do combate à violência epistêmica. Cabe ressaltar que o racismo desferido contra elas está instalado no âmbito acadêmico a fim de cercear as manifestações de conhecimento de grupos tidos como subalternizados. Neste contexto, o poema “Nuegreza”, de Serafina Machado, bem como o conto “O tapete voador”, de Sobral, tratam das construções identitárias femininas.

Machado exhibe a agência de um eu lírico que enuncia sobre seu povo (Dispo-me/ ao falar da minha gente escura), posiciona-se contra um padrão estético (Dispo-me/a desafiar a beleza/

dos fios retos em contraste com o meu cabelo pixaim) e afirma um gesto político de recusa ante imagens de controle atribuídos ao corpo feminino negro (Dispo-me / porque rejeito esta pele / - selvagem, exótica, animal – / que em mim mumificaram). Ressaltamos o uso do conectivo porque, neste último verso, demonstrando a relação causal entre o que fazemos diante dos estereótipos e o porquê de tais ações. Ademais, o verso entre travessões delimita a desumanização de sujeitas negras mediante a violência epistêmica dos significados atribuídos à pele negra, assim como a necessidade de rejeitar a própria pele não como um gesto autodestrutivo, mais precisamente, de modo a inaugurar as possibilidades de conhecimento e de discurso a partir do corpo.

Neste contexto, o eu- lírico percebe-se de uma forma positiva: valoriza sua gente, sua beleza e seu fenótipo. A anáfora do verbo despir - reproduzido na maioria dos versos - sugere algo positivo em todos os sentidos, sobretudo porque contesta a necessidade de adequação a papéis conferidos socialmente a pessoas negras. Trata-se de despir-se dos padrões de beleza e até da fala que, muitas vezes, impõe um molde universal a ser seguido em cada ocasião. Ademais, é preciso desnudar a pele nos sentidos atribuídos exogenamente a ela. Na última ocorrência do verbo anafórico, quando se despe, ela expõe o que pretende mostrar: a alma. E assim localizamos a defesa da humanidade, conferida pela alma, a mulheres negras.

É possível localizar no poema a nudez enquanto elemento de construção identitária<sup>1</sup> em três níveis: os padrões de beleza, os estereótipos e as subjetividades. Cuti (2010, p. 101) analisa o poema e afirma que “Serafina transforma a nudez do corpo em nudez do ser, do ser negro”. O ser negro permite entender o poema como ascensão de instâncias de conhecimento através do corpo. Este último não mais como objeto, ou como propriedade de terceiros, mas como mecanismo de pensamento; como produ-

1 Em referência à nudez enquanto construção identitária, o conto “Maria Theresa”, de Cristiane Sobral, é mais um exemplo de texto literário onde tal abordagem se faz presente. “No dia esperado, acordei antes do toque do despertador. O banho, sempre de calcinha, foi mais demorado, as rezas foram repetidas com mais ênfase. Havia a intrepidez costumeira, a sagacidade típica da minha personalidade” (SOBRAL, 2017, p. 135).

ção, discussão e veiculação de epistemas. A poeta assegura, em ensaio, que o discurso de mulheres escritoras deve basear-se na contestação de estigmas até então atribuídos, o que ela pratica em “Nuegreza”.

Pensando o silêncio como fruto da ideologia e da memória discursiva, é possível ligá-lo com a difusão de imagens estereotipadas. A questão permite pensar que a condição da mulher negra se relaciona a estatutos de formação de identidade que a representam socialmente. Dessa forma, a construção de estereótipos pela literatura é uma das formas de manifestação do silenciamento. A literatura, muitas vezes, reproduz esse silêncio através de estereótipos afro-femininos: erotismo, marginalidade profissional, submissão no espaço social e privado. São diversas personagens caracterizadas como pobre, negra, empregada doméstica, sem estudo, entre outros estereótipos inferiorizantes (MACHADO, 2012, p. 137-138).

As construções identitárias assinaladas pelo convívio com os estereótipos está presente na escrita de mulheres negras. Eles são os responsáveis por negar as diferenças; aprisionam as pessoas em modelos estabelecidos como ruins; estabelecem o descrédito e a baixa autoestima. É um problema que afeta as relações porque minimiza as possibilidades de autorrepresentação. Para Sueli Carneiro, “uma das características do racismo é a maneira pela qual ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas [...]” (2011, p. 70). Desse modo, toma-se a diversidade como prerrogativa demasiada humana para que se conceda a sujeitas(os) racializadas(os), do que decorre a homogeneidade de nossos Outros. Assim, as constru-

ções depreciativas estão relacionadas à pessoa negra em detrimento do respeito à heterogeneidade: se humanos são heterogêneos e negras(os) não o são, então, pessoas negras não são consideradas humanas. Poderíamos, ao atender este chamado a nossas escrevivências<sup>2</sup>, interpretar as literaturas negras brasileiras sob o signo da rasura a uma pretensão de universalidade, da pergunta aos fundamentos a esta pretensão:

O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros. Devemos usar o que achamos importante para chegarmos à escrita. *Nenhum assunto é muito trivial*. O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico (ANZALDÚA, 2000, p. 233, grifos da autora).

Eis uma das riquezas possíveis à noção de escrevivência, em sua possibilidade de crítica a uma pretensão de universalidade que se constrói “ao custo de sacrificar o particular”; naquilo que frequentemente nos leva, como cientistas literárias(os), a aceitar um princípio similar da experiência como validação da diversidade de nossa condição humana. No esforço de nos apropriar de Anzaldúa, poderíamos, tomando a escrevivência como operador de análise de textos literários negros americanos (SOUZA, 2018), questionar a *hybris del punto cero* (CASTRO-GÓMEZ, 2007) ao centro de nossas noções vigentes de teoria literária, mesmo de nossas práticas científicas enquanto su-

---

2 O conceito de escrevivência aqui adotado é o cunhado por Conceição Evaristo. “Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. Uma condição particularizada que me conduz a uma experiência de nacionalidade diferenciada. Assim como é diferenciada a experiência de ser brasileirovida, de uma forma diferenciada, por exemplo, da experiência de nacionalidade de sujeitos indígenas, ciganos, brancos etc. Mas, ao mesmo tempo, tenho tido a percepção que, mesmo partindo de uma experiência tão específica, a de uma afro-brasilidade, consigo compor um discurso literário que abarca um sentido de universalidade humana. Percebo, ainda, que experiências específicas convocam as mais diferenciadas pessoas” (EVARISTO, 2020, p. 30-31).

jeitas(os) negra(os) investigando literaturas negras desde um lugar negro.

Uma vez aceita e utilizada a escrevivência em nossas análises literárias, talvez se nos oferecessem condições de possibilidade a uma compreensão de nossas textualidades enquanto conhecimento; ou, especificamente, o corpo-negra enquanto produção de conhecimento, enquanto casa do sentido: quando *Dispo-me / Ao falar da minha gente escura*. Observa-se o corpo a serviço do discurso (o corpo-negra em uma condição de método ao *falar da minha gente* da qual faço parte), o corpo como parte do discurso (o corpo-negra em sua operação de significar a si, recusando a definições exógenas que lhe mapeiam de forma *selvagem, exótica, animal*, como se lhe coubesse apenas esta condição). Em um tal cenário, acompanhamos Florentina Souza (2019) ao propor que as lutas dessas mulheres que lemos e interpretamos (e, em uma perspectiva mais ampla, as lutas das mulheres negras) não se restringiram nem se restringem à sobrevivência cotidiana (um modo adicional de lhes negar uma diversidade eminentemente humana); percebemos o risco, de nossa parte, de reduzir poéticas negras - porque literaturas de nossos Outros - a descrições cruas de eventos biográficos diretamente liga-

dos àquilo que interpretamos e assinalamos como realidade destas(es) sujeitas(os); em uma palavra: de lhes negar literariedade e, tomando -a como prerrogativa humana, de lhes negar humanidade. Por vezes, acompanhamos interpretações da noção de escrevivência que, assim a reduzindo, poderiam nos conduzir a um paroxismo de, enunciando desde um lugar negro, propuséssemos uma ciência a negar a própria literariedade dos textos ficcionais negros que investigamos, a própria humanidade das sujeitas negras com as quais dialogamos em nosso fazer-ciência. Um desafio a nossos esforços de produção de conhecimento desde lugares de enunciação negros: um processo permanente de descolonização epistêmica, ante o risco frequente de investigar a literaturas negras desde uma posição centroeuropeia. O lugar não é apenas epidérmico.

Em linhas gerais: quando situamos um cânone (teórico ou literário) ao centro de nossos problemas de pesquisa, de nossos programas de curso, sem que isso implique em uma posição de pensamento calibânico<sup>3</sup>, tal escolha implicaria uma *hybris del punto cero* de nossa parte, mesmo que nos identifiquemos como sujeitas(os) negras(os). O lugar não é apenas epidérmico<sup>4</sup>.

3 Acerca de uma compreensão daquilo que compreendemos como pensamento calibânico, ver: a introdução de *Caliban's reason* (HENRY, 2002, p. 1-20); o capítulo “Afroepistemología y pedagogía cimarrona” (CHUCHO GARCÍA, 2018, p. 59-70), assim como a introdução da mesma obra. Como um exemplo, de recente circulação em nossa comunidade científica, das implicações do pensamento calibânico em nossas escolhas epistemológicas na investigação de literaturas negras americanas (assim como de nossa apropriação da noção de escrevivência), ver: SOUZA, 2018.

4 Ochy Curiel (2019, p. 39), em sua apropriação desta noção proposta por Santiago Castro-Gómez, nos demonstra algumas consequências epistemológicas decorrentes ao se investigar sujeitas (os) negras(os) (e, em nosso caso, seus discursos literários) desde uma tal reivindicação de neutralidade do conhecimento científico: “A modernidade ocidental eurocêntrica também gerou uma colonialidade de saber, outro conceito importante que o feminismo descolonial (LANDER, 2000) retoma, um tipo de racionalidade técnica-científica, epistemológica, que se assume como o modelo válido de produção de conhecimento. Esse conhecimento, a partir dessa visão, deve ser neutro, objetivo, universal e positivo”. Tendo em vista nossa formação acadêmica conforme um paradigma assim posto, a isso aludimos ao propor o problema do conhecimento desde lugares de enunciação negros: se trata de, de nossa parte, buscar um processo permanente de descolonização epistêmica, ante o risco frequente de investigar a literaturas negras a partir de uma posição centroeuropeia: “Como sinaliza o colombiano Santiago Castro Gómez, pretende estar em um ponto zero de observação capaz de traduzir e documentar com fidelidade as características de uma natureza e uma cultura exótica. Trata-se de um imaginário que se pretende a partir de uma plataforma neutra, um único ponto, onde se observa o mundo social que não pode ser observado a partir de nenhum outro ponto, assim como fariam os deuses (CASTRO-GÓMEZ, 2007). Daí, gera-se uma grande narrativa universal na qual a Europa e os Estados Unidos são, simultaneamente, o centro geográfico e a culminação do movimento temporal do saber, em que subestimam, ignoram, excluem, silenciam, invisibilizam conhecimentos das populações subalternizadas. A subalternidade aqui é o outro, no entanto, não é homem, heterossexual, pai, católico, letrado com privilégios de raça e classe” (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 39-40).

Neste contexto, a escrita literária de Serafina Machado, bem como, a de Cristiane Sobral veiculam realidades próprias de suas subjetividades enquanto sujeitas que vivenciam opressões interseccionais. Partindo de uma matriz de pensamento de mulheres negras americanas, neste texto nos dedicamos a uma interpretação de “O tapete voador” na qual variáveis tais como o gênero e a raça que, em vez de soma de opressões atribuídas à natureza de nossos Outros, impliquem e sejam lidas por nós como experiências que rasuram identidades, transformando-as, dizendo respeito a sujeitas negras que, mediante escrituras, propõem conhecimento acerca de si e das relações de poder articuladas com as opressões (recorrendo a Patricia Hill Collins: as matrizes de opressão) ante as quais agem.

A experiência como critério de significado com imagens práticas como veículo simbólico é um princípio epistemológico fundamental para os sistemas de pensamento afro-americanos. “Olhem meu braço!”, disse Sojourney Truth. “Já arei, plantei, trabalhei em estúbulos, e homem nenhum se saía melhor do que eu! E por acaso não sou mulher?”. Ao evocar exemplos de sua própria vida para simbolizar novos significados, Truth desconstrói as noções vigentes do que é ser mulher (HILL COLLINS, 2019, p. 412-413).

O conto traz a história de Bárbara: uma protagonista em busca de melhores condições de trabalho, mas que se encontra diante de um chefe disposto a proporcionar-lhe uma mudança física por meio das estratégias de branqueamento. De modo a compreender tanto as opressões quanto a agência negra em “O tapete voador” ante tais opressões (agência esta compreendida – nossa hipótese – mediante a escritura tomada como categoria de análise, nos moldes de: SOUZA, 2018), necessitamos ques-

tionar e, dentro do possível, nos afastar de uma ideia de interseccionalidade enquanto soma de opressões a, em vasta medida, definir a natureza de nossos Outros, isto é, de sujeitas(os) racializadas(os); daqueles na posição de objeto de nossa investigação, “(...) definindo quem pesquisa como um 'sujeito' com plena subjetividade humana e objetificando o 'objeto' de estudo” (HILL COLLINS, 2019, p. 408, grifos da autora). E, uma vez mais em consonância a Florentina Souza (2019), construir nossa interpretação do conto de Cristiane Sobral tendo em vista sua escritura não resumida ou explicada mediante descrição de sobrevivências cotidianas, mas igualmente, em sua condição de agência de mulheres negras, do corpo-negra em sua construção de conhecimento coletivo. Tendo em conta a circulação, em nossa comunidade científica, de uma interseccionalidade compreendida como soma de opressões própria às literaturas de nossos Outros, recorreremos a um *corpus* de pensamento de mulheres negras americanas na interpretação de “O tapete voador” ora proposta. É acerca de tais problemáticas que este artigo se ocupa.

### “O tapete voador”: uma construção interseccional

Para alcançar o entendimento das construções identitárias da protagonista do conto em análise aproximamos as noções de interseccionalidade e de lugar de fala. Patrícia Hill Collins explica que são necessárias “novas categorias de análise que incluam raça, classe e gênero como estruturas de opressão distintas, mas imbricadas” (2015, p. 14). Sem desconsiderar diferenças de natureza ou de grau entre as três referidas variáveis (ao que se justifica o uso, por Collins, dos qualificativos *distintas* e *imbricadas*, correlacionadas por uma adversativa que visa, precisamente, a solicitar nosso esforço

5 No que se refere aos aspectos metodológicos aplicados nesta pesquisa, é importante assinalar os usos das categorias interseccionais não apenas como uma soma de opressões, mas enquanto um sistema social que inclui gênero, raça, classe, idade, etc. enquanto contribuintes para determinada condição em que vive a protagonista em análise.

6 Tomando, para isso, as prerrogativas eminentemente humanas do conhecimento e da literariedade como premissas ao conto de Cristiane Sobral; e tendo em vista o quanto tais prerrogativas, porque humanas, têm sido negadas a sujeitas negras e, de modo mais amplo, aos Outros de um marco de pensamento centroeuropeu e estadunidense.

analítico de correlação), ao observá-las de maneira conjunta, se nos torna possível, em análises literárias, compreender tanto a dominação quanto a subordinação no cerne da subalternidade imputada a sujeitas(os) racializadas(os). Numa perspectiva feminista, o lugar de fala “nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem” (RIBEIRO, 2017, p. 69), alicerçando a construção identitária subjungando o discurso de marginalização. As experiências, observáveis em ficcionalidades negras, são mencionadas por Conceição Evaristo ao elaborar o conceito de *escrivência* no qual ela associa as categorias de interseção.

E então volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influi em minha subjetividade (EVARISTO, 2009, p. 18).

As identidades femininas negras são observáveis nos escritos através das violências sofridas; das ações e reflexões de personagens tais como Bárbara. “Estava com as pernas trêmulas, quase sem chão, prestes desmoronar em suas convicções” (SOBRAL, 2016, p. 11). O sofrimento e a dúvida conferem humanidade à Bárbara. Para Evaristo (2009, p. 18, grifos da autora), apenas a mulher negra é capaz de expressar esta ficção: “quando crio minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra e vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta”. É a defesa do protagonismo negro; a necessidade de expressão e de reconhecimento.

Serafina Machado reafirma a presença da identidade como uma maneira de reivindicar o local social da mulher negra. “No discurs-

so afro-feminino é possível verificar a exigência da voz e esta mulher transcreve sua maneira de pensar, se auto-apresenta, re-constrói sua subjetividade e negritude” (MACHADO, 2012, p. 3). Observa-se indigência no sentido de manifestar-se plenamente construindo um discurso de protesto com toda a gama de informações pertinentes à individualidade dessas sujeitas.

A discussão acerca das construções identitárias perpassa o lugar e exige avaliar as condições de vida a que mulheres negras se encontram submetidas. Por isso, existe a necessidade de observar as variáveis que influenciam nessas condições: orientação sexual, gênero, classe, raça, idade, dentre outras. Carla Akotirene explica que, de acordo com o feminismo negro, a interseccionalidade prevê “um patamar de igualdade analítica” (2018, p. 32) entre as categorias. Desse modo, não há sobreposição entre uma categoria e outra porque todas têm a mesma relevância quando se observa a repercussão para a condição do indivíduo.

A interseccionalidade não precisa, necessariamente, de mais de duas variáveis porque o fato de ser negra e mulher já é relevante para estabelecer relações de dominação. De acordo com Luana Barossi (2017, p. 23), as “*escrivências*” abrangem “um campo simbólico que entrelaça história, memória e experiência”. Por outro lado, é preciso incomodar o predomínio das classes abastadas por meio de personagens que expressem a dupla condição mencionada como forma de revelar os detalhes mais íntimos de quem passa pela dupla opressão.

Cristiane Sobral expressa, através da escrita, anseios que somente a partir do espaço social que ocupa é permitido revelar. É neste contexto que a protagonista de “O tapete voador” faz uma carta pedindo o apoio da empresa para começar um curso de pós-graduação. Ela demonstrava resistência ao tentar avançar nesse sentido porque se levarmos em consideração as estatísticas relacionadas à presença negra no mercado de trabalho<sup>7</sup> e nas universidades, en-

7 Sueli Carneiro, com base em pesquisa realizada pelo Ministério do Trabalho e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), afirma que o mercado de trabalho tem preferência por profissionais com o mínimo de onze anos de estudo.

tenderemos o quanto é difícil para sujeitas negras comporem esses espaços. Infelizmente, Bárbara descobre no dia da audiência o quanto uma profissional negra pode ser violentada.

Enquanto aguardava na sala de espera do gabinete da presidência, observava os móveis, a decoração, tudo um tanto antiquado, em sua opinião, mas de excelente qualidade. Sua reflexão foi subitamente interrompida pela secretária do presidente, que perguntou se preferia chá ou café. Estava a saborear o chá escolhido quando pensou sobre a incrível experiência de nesta altura da vida, *ser servida por alguém*. Ela, filha de empregada doméstica e porteiro, criada para trabalhar, e trabalhar pesado, tinha orgulho de ter conquistado, naquela renomada empresa, um ofício importante, pois era uma das funcionárias mais requisitadas da assessoria de comunicação (SOBRAL, 2016, p. 7, grifos da autora).

Bárbara supera a condição sociohistórica que lhe foi infringida. O lugar social que ela ocupa, inclusive a ação dos estereótipos em sua construção identitária poderiam reservar-lhe trabalhos de cunho serviçal, entretanto isso não ocorre. Ela considera um progresso o fato de ser atendida prontamente pelo presidente, de ser servida pela secretária e ainda ocupar uma importante vaga de trabalho. Comparando sua história com a de seus pais, percebe avanço no que se refere aos papéis sociais desempenhados por pessoas negras na sociedade brasileira. Infelizmente, para o racista, o crescimento profissional não condiz com a autoaceitação que Bárbara demonstrava. Na verdade, essa postura incomodava o presidente da empresa.

- Eu confesso que aprendi a duras penas o que é preciso para crescer aqui. Creio que devo alertá-la. Sobre a sua carta, bem, eu

entendo o seu desejo de querer estudar. Você de fato chegou longe considerando a maioria negra deste país, deve se orgulhar! Veja o caso das mulheres negras então! Você é dona de uma trajetória ímpar (SOBRAL, 2016, p. 9).

As observações do chefe de Bárbara denunciam uma realidade: a sociedade espera que sujeitas(os) negras(os) se apresentem conforme as normas de beleza estabelecidas socialmente; é preciso ter *boa* aparência. O interesse da funcionária em progredir intelectual e profissionalmente era menos importante do que a preferência que ela tinha por valorizar o fenótipo negro. Para o presidente era impossível que ela conseguisse ascender sem uma mudança na aparência, o que era doloroso para Bárbara porque ela exaltava sua negritude. Outro aspecto pertinente e relacionado ao lugar de fala da protagonista é a relevância que o presidente confere ao fato de ela ser mulher negra e ainda assim destacar-se, o que sugere uma referência ao caráter interseccional da discriminação.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Crenshaw conceitua interseccionalidade a partir da diversidade que marca os eixos de subordinação. São variáveis diversas que, se

---

“O nível de exigência de escolaridade é alto para os padrões nacionais, em que a média de escolaridade para brancos é de 6,6 anos de estudo e, para negros, 4,4” (CARNEIRO, 2011, p. 113). A pesquisadora analisa a realidade de negras(os) com base nas condições históricas que promoveram as disparidades sociais. “Assim, as atuais exigências educacionais para a alocação da mão de obra no mercado de trabalho formal não apenas conformam-se como um instrumento para a seleção dos profissionais mais qualificados, mas também operam como um filtro de natureza racial, definindo os que preferencialmente serão alocados. Se não é possível demonstrar intencionalidade de exclusão racial nesse processo, é certo que, a despeito das intenções, é o que ele realiza” (CARNEIRO, 2011, p.114).

associadas, repercutirão nas condições de vida das(os) sujeitas(os). A partir da estruturação de dois ou mais eixos, é possível fundamentar a interseccionalidade. Quando tomamos em conta as dificuldades, propriamente metodológicas, atinentes a análises literárias sob o princípio de interseccionalidade, Patricia Hill Collins, em entrevista recente, assinala este caráter próprio a uma abordagem interseccional propondo, ademais de uma exposição, uma comparação com outro conceito igualmente circulante em nossa comunidade científica: a decolonialidade.

Intersectionality aims to be elastic enough to handle the specificity of particular systems of oppression, via their particular forms of organization as well as through their interconnections. I see the systems of power with which I’m most familiar as all organized around these axes but having different configurations that can make them unrecognizable to one another. A robust understanding of decoloniality can encompass all three. Alternately, decoloniality as a process (economic, political and cultural) can be accommodated within each one. Stated differently, intersectionality focuses more on the connections among particular systems of power, whereas, decoloniality focuses on the mechanisms by which contemporary neocolonial relationships might be resisted and replaced (COLLINS; SILVA; GOMES, 2021, p. 331)

A explanação de Hill Collins, quando em suplemento à anterior (de Crenshaw), assinala um aspecto presente no corpo das análises literárias mas, ao mesmo tempo, não evidente em sua execução: as conexões entre as variáveis em jogo: quando a citação destaca que, a despeito de que a interseccionalidade *aims to be elastic enough to handle the specificity of particular systems of oppression*, se mostra uma noção que *focuses more on the connections among particular systems of power*, ou seja, oferece a possibilidade de abordagens metodológicas centradas nas conexões ou, mais precisamente, nas intersecções apresentadas pelas vozes ficcionais em sua compreensão das violências a elas im-

putadas (na citação, *particular systems of power; particular systems of oppression*) – lidas, aqui, por uma escolha epistemológica, de nossa parte: vozes ficcionais de sujeitas(os) agentes em uma observação e transformação de seu mundo (na citação, *via their particular forms of organization*). Por exemplo, quando relacionamos a posição de Bárbara à da mulher que lhe serve café, a naturalização do conceito de raça associada ao gênero nos permite, a partir da verossimilhança diegética, inferir que a secretária é negra. A leitura é deficitária quando observada apenas uma categoria. É provável que Sobral tenha considerado desnecessário dizer a cor da pele da personagem, porém há dois parâmetros a saber: o estranhamento acerca da posição social ocupada por Bárbara e a naturalização dos papéis domésticos atribuídos a pessoas negras.

No exemplo do presidente, há uma violência de gênero com a qual a protagonista tem de lidar. Diante da opressão estruturada, que pode proporcionar a mulheres negras a condição de subalternidade e de invisibilidade, ele aproveita para lembrá-la de que ela está inserida em um espaço social desfavorecido. “Veja o caso das mulheres negras então! Você é dona de uma trajetória ímpar” (SOBRAL, 2016, p. 9). Para ele, ela deveria enxergar os benefícios conseguidos: algo raro para pessoas de sua raça, gênero e classe. Ocorre uma sistematização e uma hierarquização do preconceito. Dessa forma, o presidente apresenta aquilo que considera ser imprescindível para a funcionária e lembra que somente indivíduos desenvolvidos entendem a necessidade de tentar parecer brancos.

Não me leve a mal, mas já temos bons produtos para minimizar acidentes genéticos desagradáveis, como o cabelo do negro. É um de seus defeitos. Seu cabelo é péssimo. Mas não se aflija com isso, eu posso ajudar. Costumo viajar para o exterior e minha esposa poderá trazer ótimos cosméticos sem nenhum incômodo. Nem vai ser preciso agradecer. Entenda esse gesto como um investimento nos recursos humanos da empresa. A cor não precisa ser um fardo para os mais desenvolvidos. Vou fazer a minha parte, mas prometa que não vai deixar a sua negritude assim tão evidente.



É possível sim, sua pele não é tão escura, poderá ser facilmente disfarçada. Você só precisa de alguns esclarecimentos...tem um futuro brilhante, alvíssimo, sem dúvida (SOBRAL, 2016, p. 10).

O presidente – a serviço do patriarcado e do capitalismo – associa a aparência branca ao sucesso e, por isso, Bárbara é violentada psicologicamente. A verdade é que Bárbara era vista como defeituosa, um acidente, um problema. “Para que insistir em ser negra em um país racista? Quanto menos você declarar a sua negritude, melhor” (SOBRAL, 2016, p. 10). O disfarce aparece como uma proposta para enfrentamento do preconceito. No caso de Bárbara, era uma imposição.

Veja, por exemplo, o caso de alguns negros bem-sucedidos. A sociedade deu uma oportunidade de crescimento a eles e eles retribuíram, casando com mulheres distintas, brancas, recatadas, exímias donas de casa, puras, com bons genes, para que o futuro seja melhor sem esses defeitos de cor. Digo isso porque fiquei sabendo que você tem um namorado negro. Desculpe invadir sua privacidade, mas isso é um atraso! Vai levar você para um mundo degradado! O mundo dos alcoólatras, dos vagabundos, dos criminosos (SOBRAL, 2016, p. 11).

De acordo com Neuza Santos Souza, a necessidade de conquistar um espaço pode levar uma pessoa negra a assumir as posturas do presidente. “O negro que se empenha na conquista da ascensão social paga o preço do massacre mais ou menos dramático de sua identidade” (SOUZA, 1983, p. 18). O chefe enxerga pessoas negras pelo ângulo da decadência moral. Por considerar as aptidões de Bárbara, sente-se na obrigação de requerer mudanças nas escolhas desta última. “Também já fui negro um dia. Numa fase dolorosa, que procuro esquecer [...]” (SOBRAL, 2016, p. 11). Observamos uma necessidade discursiva de marcar o passado: as memórias permanecem, sugerindo um grau de importância para o período da vida em que a personagem se considerava um ho-

mem negro e, portanto, trata-se de um fato relevante para o presidente.

Ele associa negritude a estereótipos, à marginalidade, ao descrédito, à decadência e à derrota. “Quem olha para mim, hoje, nunca vai dizer que sou negro, é digamos, apenas um detalhe biológico” (SOBRAL, 2016, p. 10). De acordo com Sueli Carneiro, esquivar-se da “negritude é a medida da consciência de sua rejeição social e o desembarque dela sempre foi incentivado e visto com bons olhos pela sociedade” (2011, p. 73). Nesse sentido, envolvendo dinheiro e prestígio, as convicções raciais podem ficar em segundo plano, mas não no caso de Bárbara. Por um momento ela fica sem ação, mas percebe a violência que lhe é imputada. Permite-se chorar para expor o conhecimento que tem de sua realidade.

Para Sílvia Almeida (2018, p. 53), no Brasil, “a negação do racismo e a ideologia da democracia racial sustentam-se pelo discurso da meritocracia”. Neste caso, o presidente naturaliza a necessidade de parecer branco e projeta Bárbara a partir dos princípios nos quais ele acredita. “A cor não precisa ser um fardo para os mais desenvolvidos” (SOBRAL, 2016, p. 10). Ele pensa ser inevitável negar os traços físicos e atribui à pessoa negra a obrigação de evoluir através do uso de máscaras. “Se não há racismo, a culpa pela própria condição é das pessoas negras que, eventualmente, não fizeram tudo que estava a seu alcance” (ALMEIDA, 2018, p. 53). Apesar da imposição feita pelo presidente, Bárbara não se deixa abater pelo discurso da falsa democracia racial. Apesar do sofrimento e da autorreflexão, decidirá baseada no que suas concepções permitem fazer.

### “O tapete voador”: o mérito ou as raízes?

Não por acaso, o título da narrativa tem relação com as identidades femininas negras. A instabilidade que marca o transporte no tapete mágico<sup>8</sup> das lendas, faz parte do processo de construção identitária, sobretudo

8 Acerca da ocorrência literária de tapetes mágicos, propomos a leitura do artigo de Luiz Carlos Fernandes: “O fantástico e o

quando observado que a protagonista se apresenta certa de suas convicções, mas é conduzida a uma situação profissional capaz de testar a certeza de seus posicionamentos. “Todo mundo tem a oportunidade de se reinventar a partir de um momento de crise” (SOBRAL, 2016, p. 7). O primeiro período do conto marca a possibilidade de mudança nas posturas da protagonista através do verbo *reinventar*. A escritora demonstra sua intenção em percorrer os trajetos intrínsecos ao cunho gradativo com que a identidade feminina negra se estabelece. Considerando o relacionamento entre culturas, Hall afirma que é inadmissível conceber identidades estáticas.

Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente (HALL, 2015, p. 12).

Assim, a pluralidade inerente à Bárbara e explicitada por Hall nos serve como matéria-prima para a observação dos mecanismos de construção identitária, bem como, a relação que se estabelece entre ela e o presidente. A oportunidade de estudar e conseguir um trabalho no qual se realizava era algo importante. Ela não cogita, até então, a hipótese de haver um entrave em seus projetos e muito menos uma escolha entre sua aparência e a ascensão. Considera-se capaz, demonstra pertencimento à sua raça, parece absolutamente confortável com o cabelo e realizada profissionalmente. Entretanto, isso não significa que a possibilidade de mudança comportamental, de acordo com as influências externas, seja nula.

Divagações íntimas enquanto aguardava confortavelmente assentada a flertar com a sua imagem refletida no espelho na mesa de centro. Era vaidosa, experimentava ao máximo as possibilidades do seu cabelo afro, com presilhas turbantes, prendedores, faixas, enfim, tudo o que pudesse iluminar e exaltar sua identidade. Nesse dia, especialmente, fizera um penteado trançado, com desenhos adornando a cabeça inteira, como uma preciosa moldura (SOBRAL, 2016, p. 7-8).

Aceitar-se enquanto mulher negra é uma característica relevante nos posicionamentos da protagonista: ela *flerta* consigo mesma, enamora-se, admira-se. Seu cabelo é um adorno, uma moldura: vocábulos que indicam valorização da estética negra e, conseqüentemente, das memórias e da ancestralidade. O grupo nominal *preciosa moldura* proporciona a dimensão do amor que ela tem por seu cabelo; trata-se de empoderamento em uma sociedade cuja regra é negar a aparência negra. Neste contexto, Bárbara surpreende-se com o fato de o presidente da empresa onde trabalha ser um homem negro. “O presidente era um homem negro! Um negro na presidência daquela multinacional! (SOBRAL, 2016, p. 8). Possivelmente, a surpresa reside no fato de ela conhecer os fatores sociais que impedem uma pessoa negra de chegar a tão alto cargo<sup>9</sup>.

“Com gestos precisos, ele estendeu a mão negra, que saltou ágil, da beirada da manga do terno branco impecável, muito bem cortado: - Obrigada por ter atendido ao meu convite” (SOBRAL, 2016, p. 9). Ele parece cortês, mas pede segredo sobre a conversa. Mostra-se preocupado com o sucesso de Bárbara e tece elogios; contudo, alega que é necessário ser grata por aquela oportunidade em uma sociedade

---

maravilhoso da solidão latino-americana”. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2655/2343>. Acesso em: 30 nov. 2021.

9 Apesar de haver exceções, a possibilidade de ascensão profissional é historicamente restrita aos grupos brancos. Desse modo, o mérito não é capaz de resguardar oportunidades ou de assegurar a igualdade de condições em um mercado de trabalho tão competitivo quanto o brasileiro. “Há ainda, o reconhecimento de que o mérito, ainda que exista, na performance individual dos racialmente hegemônicos está mediado pela exclusão intencional dos discriminados, o que limita o alcance da proeza pela desigualdade de origem instituída nos termos da competição social. Então, quando o mérito é invocado para barrar propostas de promoção de igualdade racial, omite-se, escamoteia-se, a construção social, segundo a qual nascer branco consiste por si só num mérito, uma vantagem original cujo prêmio é conduzir ‘naturalmente’ brancos ao acesso privilegiado dos bens sociais. O que todos os indicadores socioeconômicos desagregados por cor/raça confirmam” (CARNEIRO, 2011, p. 105, grifos da autora).

que invisibiliza pessoas como ela. “Por isso saiba que você tem um excelente emprego nesta instituição, muitos gostariam de ocupar o seu lugar” (SOBRAL, 2016, p. 9). Como se a raça atribuísse culpa e descrédito, era importante agradecer por ter ascendido em uma sociedade onde negros estão limitados aos trabalhos servicial e doméstico, o que o presidente chama de *desperdício de talentos*.

O presidente violentava sua colaboradora: “seu cabelo é péssimo”, um “acidente genético desagradável”, “um defeito” (SOBRAL, 2016, p. 10). Infelizmente, o racismo impõe a prática do alisamento capilar em detrimento dos penteados que Bárbara admira e pratica. Estava disposto a ajudar através de investimentos da empresa com a compra de produtos. Inferimos que a conquista de um espaço só ocorrerá caso a protagonista pareça branca. Em nenhum momento da conversa ela é ouvida, pois a autoridade do presidente se sobressai. “Com o passar do tempo estou tendo alguns ‘brancos’, cada vez mais frequentes... São instantes de paz” (SOBRAL, 2016, p. 10, grifos da autora). A expressão *ter um branco* é usada como uma ênfase acerca da identidade do presidente: a paz, para ele, residia na brancura. “Tenho dinheiro suficiente para estar acima de qualquer suspeita. Sou a prova de que o racismo não existe para aqueles que sabem se misturar à paisagem, como camaleões” (SOBRAL, 2016, p. 10). Tomando o sucesso financeiro como principal meta, ele aproveita para explicitar, por meio da metáfora com os camaleões que modificam sua cor conforme a paisagem, a fórmula pela qual pessoas negras chegam à plenitude: autonegar-se.

A história da ascensão social do negro brasileiro é, assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais. É a história da submissão ide-

ológica de um estoque racial em presença de outro que se lhe faz hegemônico. É a história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação (SOUZA, 1983, p. 23).

Para Neusa Souza, uma identidade pode ser tida como renunciada quando abdica da possibilidade de resistir para assimilar padrões impostos: é o caso do presidente quando afirma que o racismo não existe. O que se entende como uma estratégia inteligente para alcançar o mérito é, na realidade, uma subordinação ao que é ditado pelo grupo dominante. Como bem disse a pesquisadora, trata-se de quantificar, em moeda, o quanto custa se desfazer da negritude. Em contexto brasileiro, Lélia Gonzalez (1979, p. 2) denuncia uma divisão racial do trabalho. “Quando se trata de competir para o preenchimento de posições que implicam em recompensas materiais ou simbólicas, mesmo que os negros possuam a mesma capacitação, os resultados são sempre favoráveis aos competidores brancos”.

No contexto da divisão racial do trabalho, sobra às pessoas negras o desemprego<sup>10</sup>, o trabalho informal e a marginalização. O presidente tem essa consciência e age sempre em acordo com a realidade mencionada por Gonzalez. O problema está em impor a Bárbara a escolha que ele toma para si. “Não sou negro, somos todos iguais, vivemos em uma democracia racial, onde todos os que se esforçam podem vencer” (SOBRAL, 2016b, p. 11). Segundo Lélia Gonzalez, é próprio do negro que frequentou a escola conhecer a realidade na qual está inserido e adotar as estratégias de branqueamento.

Porque tomam consciência do mito da democracia racial, do logro que significa o artigo da Constituição que afirma que

10 Sugerimos a leitura do conto “Ela está dormindo”, de Esmeralda Ribeiro. O texto foi publicado em *Cadernos Negros*, volume 24. Nele, a escritora menciona a *boa aparência* tão exigida no mercado de trabalho e capaz de conferir o desemprego em larga escala a pessoas negras, o que reafirma a divisão racial do trabalho mencionada por Lélia Gonzalez. “Quase um ano saindo de madrugada e chegando à noite sem emprego e cansada de escutar exigências esquisitas do tipo: ‘– Seu manequim é trinta e seis? Que pena! O seu cabelo não é liso. Você tem mais de quarenta anos? Precisamos de uma mulher que cheire bem para atender o público” (RIBEIRO, 2001, p. 35).

“todos os brasileiros são iguais perante a lei”. Porque sabem que, mesmo com igual e até melhor capacitação que os brancos, serão preteridos; qual então a saída que se lhes apresenta? Se conscientes e assumidos, partem para a denúncia de tais arbitrariedades; se não, aceitam a situação tal como está e, aos poucos, para “subir na vida”, começam a pagar o seu preço, o de embranquecimento (GONZALEZ, 1979, p. 3, grifos da autora).

No que tange ao pertencimento racial, Bárbara era consciente e assumida; o presidente não. Neste sentido, o jogo de interesses marca as posturas de cada indivíduo. No caso de Bárbara, a escolha por assumir a negritude denota resistência. “Ela estava lívida após aquela sessão de *afropessimismo* e tentativa de lavagem cerebral” (SOBRAL, 2016, p. 11, grifo da autora). Os verbos *embaçar* e *desmoronar* explicitam uma certa dúvida quanto a aceitar a proposta do chefe; ela vacila em suas certezas; no entanto, valoriza sua raça através dos *escurecimentos*. A sessão de *afropessimismo* na verdade é uma referência à tentativa de extermínio da autoestima negra. Consciente da *lavagem cerebral*, ou seja, da manipulação à qual estava exposta, o nervosismo e o sofrimento daquele instante não impedirão que ela resista.

– Veja Senhor Presidente, eu sou negra. Negra! Quando acordo, quando durmo, quando amo, quando trabalho. Eu sou apaixonada por um homem negro e sonho em ter filhos negros um dia. Jamais poderia deixar de ser o que sou. Agradeço pela oportunidade, mas não posso corresponder à expectativa desta empresa. Eu me demito. Bárbara retirou o crachá da empresa e deixou sobre a mesa do chefe. (SOBRAL, 2016, p. 12).

A humanidade está presente em todas as ações e falas de Bárbara: permite-se hesitar, chora, defende seu amor, fala e decide. Nesse sentido, para consolidar sua escolha, Bárbara nega-se a continuar escutando: “Ele ainda tentou argumentar, dizendo que ela iria se arrepender, mas ela não deu ouvidos. Saiu sem olhar para trás” (SOBRAL, 2016, p. 12). A protagonista poderia ter dispensado a suposta

*ajuda* de seu chefe e esperado a reação dele; entretanto, ela está tão segura de si ao ponto de não querer mais participar da conversa e da empresa. Neste ponto, é conveniente enfatizar o empoderamento da personagem a partir das considerações de Joice Berth.

Empoderar dentro das premissas sugeridas é, antes de mais nada, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da história (BERTH, 2018, p. 16).

Rebelar-se contra as opressões, tomando para si o desafio do desemprego, mostra o empoderamento de Bárbara, pois a credibilidade em si mesma é suficiente para que ela aceite o desafio do recomeço profissional e do risco financeiro. Para Berth, o autoamor é capaz de promover reconstruções de cunho político e social; porém, para negras(os), chegar a esse patamar é mais difícil porque não crescemos em ambientes que nos valorize e nem ouvimos reforços positivos voltados para nossa estética, capacidade intelectual e identidade. O embate com o presidente serve como aprendizado para que Bárbara se reinvente e opte por reafirmar seus ideais.

Os próximos passos não foram fáceis. Para não cair, teve que aprender a caminhar, a triturar todos os problemas diante de seus pés. Tudo ficou muito óbvio a partir de então. Foi conquistando oportunidades, desbravando trilhas de afirmação da sua identidade, sempre resistindo às tentações enganosas do embranquecimento. Quando o Presidente puxou seu tapete, Bárbara aprendeu a voar (SOBRAL, 2016, p. 7).

Contestar padrões vigentes não é simples. Para Bárbara, o enfrentamento custou o próprio sustento, mas também serviu como impulso para que seguisse na busca por liberdade de escolha. O presidente conferiu força para que ela aprimorasse seu autoamor e, a partir de então, exercesse o livre-arbítrio diante de seu corpo. Da consciência de si à afirmação identitária, a protagonista consolida aprendizagem.

As *tentações enganosas* são muitas; em sua maioria, passageiras como o alisamento capilar, porém, o respeito por si mesma, pelos ancestrais e pela raça é consistente apesar dos inúmeros obstáculos que decisões nesse sentido possam representar.

### Considerações finais

Após o conjunto de análises literárias efetuadas ao texto de “O tapete voador”, gostaríamos, a título de considerações finais, salientarmos os estereótipos e demais aspectos relacionados aos traços negroides por entender sobre a repercussão que a aparência tem para as construções identitárias. Desse modo, se poderia enfatizar, no texto, uma relação entre os traços físicos e a representatividade que eles têm socialmente. A consciência de Sobral reside na tentativa de alertar sobre a associação entre o racismo e o corpo, mas também na projeção que os estereótipos têm para a identidade da mulher negra.

Em resposta ao nosso problema de pesquisa, atentamos para o conceito de escrevivências, a partir da formulação de Conceição Evaristo, a fim de estabelecer uma relação entre o lugar de fala e as construções identitárias de sujeitas negras enquanto chave de leitura nesta investigação; verificamos, no conto de Cristiane Sobral, a escolha de temas e recursos narrativos para constituir uma poética voltada à abordagem da condição feminina negra, com o objetivo de afirmar o protagonismo da mulher negra. Os estereótipos são tratados como uma maneira de alertar para a objetificação dessas sujeitas. No que diz respeito à interseccionalidade, é importante reiterar que este conceito permite entender, de maneira mais contundente, o lugar de fala a partir da análise da condição de vida das protagonistas para levar ao entendimento de suas posturas identitárias. No contexto de tais posicionamentos, propomos que a relação com o corpo negro passa por diferentes estágios: autonegação, consciência de si, empoderamento social e afirmação identitária.

Em “O tapete voador”, o lugar de fala é

marcado pelo paradoxo entre o silêncio da protagonista e a valorização da negritude que ela demonstra. Diante da figura masculina, representante do capitalismo, a opressão subjuga a mulher negra ainda que sua formação seja de nível superior e que sua opção de vida já esteja bem delineada. Enfim, as análises realizadas permitiram verificar que a condição identitária e interseccional na qual Bárbara se enquadra é determinante para que ela detenha poder de escolha. Desse modo, ela alcança o empoderamento e assume as consequências oriundas da demissão. Quando fala, ao final da narrativa, ela estabelece resistência e se mostra preparada para as dificuldades que virão.

### Referências

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade*. Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *O que é racismo estrutural*. Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229, jan. 2000. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>>. Acesso em: 14 abr. 2020. doi: <https://doi.org/10.1590/%x>. Acesso em: 14 de abril de 2020.

BAROSSO, Luana. (Po)éticas da escrevivência. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 51, p. 22-40. 2017. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/25559/18207> Acesso em: 11 de ago. de 2018.

BERTH, Joice. *O que é empoderamento*. Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 10, n. 1, jan. /dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/S0104-026X2002000100011/8774>. Acesso em 31 de jan. 2018.

COLLINS, Patricia Hill. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: MORENO, Renata (org.). *Reflexões e práticas de transformação feminista*. São Paulo: SOF, 2015. Disponível em: <http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2016/01/reflex%C3%B5espraticasdetransforma%C3%A7%C3%A3ofeminista.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill; SILVA, Kleber Aparecido da; GOMES, Maria Carmen Aires. A. Interseccionalidade, Opressão Epistêmica e Resistência: uma entrevista com Patrícia Hill Collins. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 60, n. 1, p. 328–337, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8661895>. Acesso em: 28 maio 2021.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas desde o feminismo decolonial. *Descolonizar o feminismo* [recurso eletrônico]: VII Sernegra / Paula Balduino de Melo [et al.], organizadora. – Brasília: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, 2019, p. 32-51.

CUTI, (Luiz Silva). *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, ago./dez., 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Organização: Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia: Editora Universitária - UFPB, 2005. p. 201-212.

GONZALEZ, Lélia. A juventude negra brasileira e a questão do desemprego. Rio de Janeiro: UFRJ, 1979. Disponível em: <http://www.blackpantherdna.com/2017/10/a-juventude-negra-brasileira-e-questao.html>. Acesso em: 11 fev. 2018.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12ª edição. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2015.

MACHADO, Serafina Ferreira. Literatura afro-feminina: uma escrita de cobrança. *Graphos*. Paraíba, v. 14, n. 2, 2012. Disponível em: [periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/download/13717/8992](https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/download/13717/8992). Acesso 18 jul. 2017.

MACHADO, Serafina Ferreira. Nuegreza. In: *Cadernos negros – três décadas: ensaios, poemas, contos*. São Paulo: Quilombhoje, 2008, p. 115.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala? Feminismos Plurais*. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

SOBRAL, Cristiane. *O tapete voador*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1983.

SOUZA, Lívia Natália. Uma reflexão sobre os discursos menores ou a escrevivência como narrativa subalterna. *Revista Crioula*, n. 21, p. 25-43, 30 jun. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/146551>> Acesso: 24 nov. 2021

SOUZA, F. S. *Olhares sobre a literatura afro-brasileira*. 1. ed. Salvador: Quarteto Editora, 2019.

### Como Citar:

SILVA DE OLIVEIRA, C.; CORREA ALVES, A. O “O tapete voador”, de Cristiane Sobral: o mérito ou as raízes?. *Revista Cerrados*, 30(57). <https://doi.org/10.26512/cerrados.v30i57.38237>